

ESTABELECIMENTO *IN VITRO* E MICROPROPAGAÇÃO DE PITANGUEIRA (*Eugenia uniflora* L.)

Aimêe Cerqueira da Silva^{1*}; Beatriz Barbosa de Souza Jesus²; Kátia Nogueira Pestana Freitas³; Mariane de Jesus da Silva Carvalho⁴; Weliton Antônio Bastos Almeida⁵.

¹Graduanda em Nutrição (FAMAM) FAMAM, cerqueiraaimee@gmail.com; ² Graduanda em Nutrição (FAMAM) FAMAM, beatrizbarbosanutri@gmail.com; ³ Doutora em genética e melhoramento (UFV) FAMAM, docente FAMAM katypestana@yahoo.com.br; ⁴Doutora em Ciências Agrárias (UFRB) FAMAM, docente FAMAM, marianejs@yahoo.com.br; ⁵Doutor em Fitotecnia (USP) FAMAM, diretor FAMAM, weliton@famam.com.br.

Em toda a história da humanidade existem registros do uso curativo das plantas. O Brasil está na liderança das listas de países com maior biodiversidade, gerando uma enorme fonte de substâncias para formulação terapêutica. Entre os diversos gêneros encontrados no Brasil, o gênero *Eugenia* vem se destacando. A *Eugenia uniflora* L. conhecida popularmente como pitangueira, tornou-se alvo de diversos estudos por apresentar características farmacêuticas e nutricionais relevantes, e por isso, está presente na Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (Rennis). Entretanto, no Brasil, seu cultivo é desuniforme para a maioria dos pomares. Dessa forma, a micropropagação se apresenta como uma forma de propagação vegetativa, possibilitando que sejam cultivadas plantas livres de contaminações, sendo possível a formação de pomares uniformes e também produção em larga escala em um curto período de tempo. O projeto propõe a multiplicação *in vitro* da *Eugenia uniflora* L. a partir de sementes proveniente de frutos coletados na região do Recôncavo da Bahia, com a finalidade de desenvolver novas metodologias de propagação para melhorar a produção da espécie, bem como, conservá-la para estudos farmacológicos futuros. As sementes da espécie foram coletadas, despulpadas e lavadas em água corrente, em seguida, foram secas à sombra por 48 horas. Em câmara de fluxo laminar, montou-se dois experimentos, um com sementes escarificadas e outro com sementes não escarificadas. As sementes de cada experimento foram imersas em álcool a 70% durante 30 segundos e posteriormente foram enxaguadas em água destilada autoclavada, em seguida submersas em solução de hipoclorito de sódio e água (1:1) durante 20 minutos. Logo após, sofreram tríplice lavagem em água destilada autoclavada. Feito isso, as sementes foram inoculadas em frascos com 20 mL no meio de cultura Wood Plant Medium (WPM) suplementado com 30 g L⁻¹ de sacarose, diferentes concentrações de 6-Benzilaminopurina - BAP (0,0; 0,5; 1 mg L⁻¹), 2 g L⁻¹ de carvão ativado e 8 g L⁻¹ de ágar, com o pH ajustado para 5,8, antes de autoclavar a 121°C por 20 minutos. Os explantes foram cultivados em sala de crescimento com temperatura de 23 °C, fotoperíodo de 16 horas e intensidade luminosa de 30 μmol m⁻² s⁻¹. O delineamento experimental foi inteiramente casualizado, utilizando-se quatro repetições por tratamento sendo representada por um frasco contendo três sementes. Foram realizadas 3 avaliações em intervalos de sete dias. Posteriormente, as plantas foram repicadas e estabelecido um novo experimento, utilizando miniestacas de aproximadamente 1,5 cm de tamanho. Esses explantes foram cultivadas em recipiente contendo o meio de cultura WPM com a mesma

composição descrita anteriormente, sem adição de ágar. As condições de cultivo e o delineamento experimental foram semelhantes ao primeiro experimento, utilizando 15 repetições por tratamento, sendo cada uma representada por um tubo de ensaio contendo 1 explante. Observou-se que não existe a necessidade de utilização do BAP para a germinação *in vitro* das sementes de pitangueira. As plantas oriundas do experimento de multiplicação *in vitro* apresentam desenvolvimento satisfatório e serão avaliadas após 45 dias de cultivo.

Palavras Chave: Pitangueira. Fitoterápicos. BAP. Micropropagação.